

A Fase Parati: apontamentos sôbre uma fase cerâmica neobrasileira

Neste estudo, apresentamos uma nova fase arqueológica brasileira identificada no Estado do Rio de Janeiro, correspondente à época colonial, na qual se misturam características culturais indígenas e portuguesas, constituindo mais uma contribuição para o conhecimento dos processos aculturativos em nosso País.

A Fase Parati foi determinada pelo estudo de sítios arqueológicos com cerâmica localizados na porção Sul do litoral do Estado do Rio de Janeiro, sobretudo nos municípios de Angra dos Reis e Parati. O trabalho foi patrocinado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Pesquisou-se a região durante os anos de 1969 e 1970, pressupondo-se, desde já, a continuação dos trabalhos nos anos vindouros, pela soma de informações levantadas e carentes, ainda, de confirmação. Os dados aqui divulgados são, portanto, iniciais, podendo vir a ser futuramente ampliados ou mesmo parcialmente modificados.

A coordenação dos trabalhos ficou a cargo do autor. Na chefia das jornadas de trabalho houve alternância com os Professores Claro Calasans Rodrigues e José Carlos de Oliveira. Completaram a equipe os Senhores Mário Miguel Neves e João B. D'Amato, todos componentes do Departamento de Pesquisas desse Instituto.

A região está, em termos gerais, localizada no trecho litorâneo correspondente à baía da Ilha Grande. A linha de costa é extremamente recortada, com inúmeros sacos, angras e ilhas. O Continente é bastante montanhoso, por ser prolongamento natural da Serra do Mar. Grande parte da área ainda está coberta pela Floresta Atlântica, na qual é possível encontrar exemplares magníficos de "jacarandás", "perobas", "jataís" e outras árvores de porte. Nas partes mais baixas, anotamos o mangue, a vegetação de restinga e terrenos aproveitados para a agricultura.

Os rios são inúmeros e de pequeno porte. Destacam-se o Mambucaba (limite entre os dois municípios citados) e o Pequerê-açu, no centro urbano de Parati (também chamado de Piraquê-açu). São cursos d'água perpendiculares à costa, o que asseguraria às antigas populações vias de penetração e farta reserva de água potável, além de recursos de pesca (complementada pela marítima) e ecologia favorável para espécimens próprios à economia de coleta (moluscos e crustáceos), no mangue litorâneo quase sempre encontrado na foz desses rios ou em seus baixo-cursos. A caça até hoje é praticada nas matas locais.

O clima é o Aw Köppen (quente e úmido), com média anual de 20°C (dado de 1958-IBGE).

Tôda essa região é de ocupação histórica muito antiga. Parati, sobretudo como pôrto de escoamento das Minas Gerais, teve sua época de apogeu. Hoje, sua preservação como monumento histórico é tarefa importante tomada pela D.P.H.A.N.

RESUMO DAS PESQUISAS

Pesquisamos um total de 29 (vinte e nove) sítios arqueológicos que proporcionaram cerâmica, dos quais foi selecionado um para futuras escavações e no qual não efetuamos nenhum trabalho de ordem técnica. Seis outros são pré-cerâmicos ou com ocupação indígena reduzida e, finalmente, vinte e dois pertencentes à fase agora determinada.

Nestes, abrimos dois cortes estratigráficos, um dos quais serviu para orientar a seqüência e o outro para demonstrar a ocupação com cerâmica, restrita ao nível superior.

Algumas das informações recolhidas não puderam ser testadas. Entretanto, tratando-se de uma região de ocupação muito recuada, e para os padrões já conhecidos para o Estado do Rio de Janeiro,

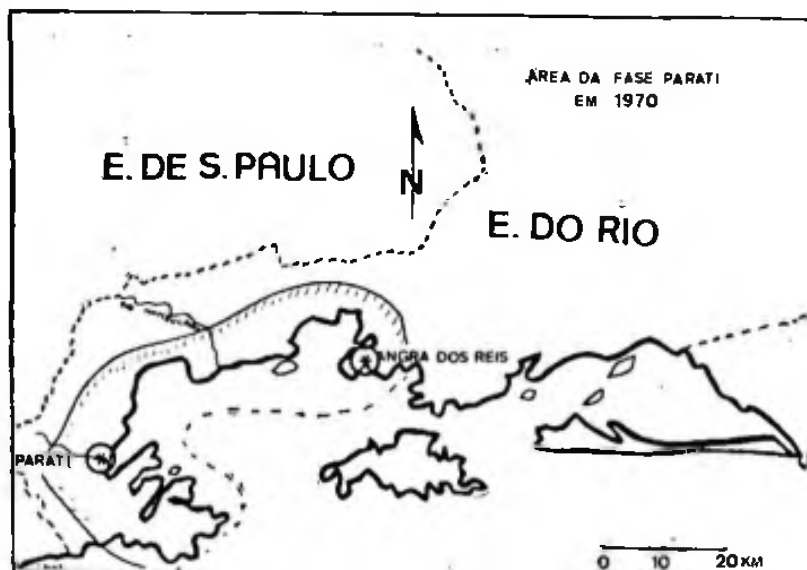


Fig. 1. Área da Fase Parati

esse numero se nos afigura suficiente para o estabelecimento de uma fase, baseada, sobretudo, nas características da cerâmica.

TIPOLOGIA DOS SÍTIOS

ABRIGOS — Encontramos cinco com ocupação, todos no município de Parati. As dimensões são reduzidas, variando de 11mx4mx3m a 8mx5mx2m (largura, profundidade e altura). Localmente são denominados "tocas" e são encontrados normalmente em altitudes médias de 20m, em áreas geralmente florestadas. Constituem-se em áreas cobertas, resultantes da aglomeração de matações de granito ou diabásio. Alguns têm nascentes nas proximidades; um dêles, no interior, e um outro se nos mostraram evidências de ser atingido por enxurradas.

O corte aberto num dêles indicou ocupação até o nível dos 30cm. A regra é, porém, a de ocupação superficial, com muitos poucos cacos. Solo predominantemente sêco, areno-argiloso, com rochas esfoliadas.

PENINSULAS — São as "pontas" locais. Pequenos cabos, muito numerosos nas calmas baías e sacos da região. Em dois dêles encontramos cacos superficiais e manchas de terra negra com conchas. A altitude dos sítios é pequena, de dois a três metros acima da maré alta. Sítios também de reduzidas dimensões (média de 25m²).

PRAIAS — Coletamos cerâmica em quatro praias de Parati. A princípio, tínhamos enquadrar este material na seqüência por não termos evidências de ocupação determinada. Feita a análise de laboratório, achamos válido considerar as citadas praias como sítio de acampamento. A cerâmica enquadrou-se perfeitamente na fase aqui descrita.

ILHAS — Constituem-se nos sítios mais interessantes da área. As ocupações apresentam dimensões variadas, de 25 até 400m². Normalmente ocorre uma camada de terra negra, com conchas fragmentadas, em número superior aos demais sítios da região, ocupando partes planas (em ilhas pequenas) ou em encostas de elevações de até 15m de altura (ilhas maiores). Anotamos, como composição malacológica predominante, a "Anomalocardia brasiliana" (tarioba ou berbigão), a "Ostrea", o "Murex" (?), localmente chamado de "praguaí" e algum "Modiolus brasiliensis".

Onde abrimos cortes estratigráficos observamos ocupação até os 50cm, estando, porém, a cerâmica restrita ao nível superficial. Por corte aberto anteriormente por equipe do Museu Nacional, pudemos observar, num dos sítios, ocupação mais espessa.

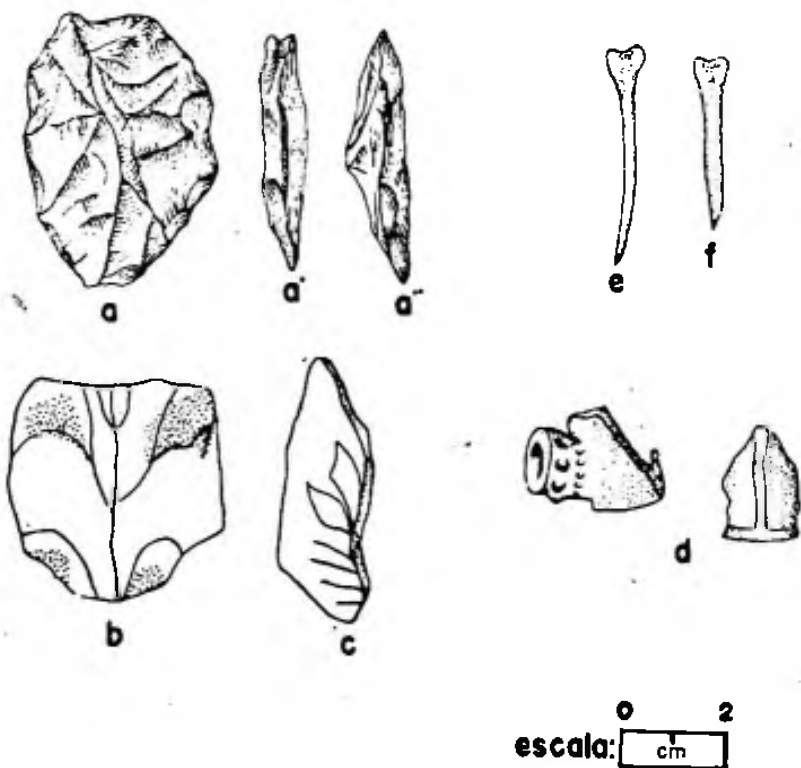


Fig. 2. Objetos líticos, ósseos e cerâmicos da Fase Parati.

Além da cerâmica, coletamos líticos e peças de osso. Este material (idêntico) ocorre nos níveis também sem cerâmica.

CIDADE — Consideramos a cidade de Parati como sítio por ocorrer cerâmica da fase em ambas as margens do Rio Pequerê-açu e ao lado da Cadeia Velha (três setores diferenciados na seqüência). Conforme Pizarro (T. III, pág. 34/s), nas margens e foz deste rio, por êle chamado "Piraquê-açu", teriam se estabelecido os primeiros povoadores históricos da região.

DESCRIÇÃO DO MATERIAL

O material predominante é a cerâmica. Em número muito inferior encontramos o material lítico e, finalmente, algum ósseo.

CERÂMICA — Coletamos um total de 922 cacos neobrasileiros. Dêstes, 613 são simples. A decoração mais popular é o Inciso, seguido pelo Polido, Estriado e Escovado. O Banho Vermelho é também comum. Decorações presentes, mas inexpressivas, são: Corrugado, Ponteadado, Digitado, Ungulado e Pinçado, totalizando, ao todo, 8 cacos.

PARATI SIMPLES 496 cacos

PASTA

TECNICA DE MANUFATURA — em um único sítio pudemos observar claramente a marca de rolêtes (de 8mm), indicando a técnica aspiralada, justamente no sítio urbano de Parati. Também, de maneira evidente, pudemos anotar a técnica do modelado, em placas pressionadas, sendo que, em mais de um caso, conservaram-se as marcas dos dedos do ceramista no interior das partes componentes.

TEMPERO — O Parati Simple é temperado com antiplástico de dimensões superiores a 1mm. O quartzo predomina, mas ocorre o feldspato e grãos de hematita (possivelmente da argila local). Um caso de tempêro de areia grossa de rio, com grãos de quartzo rolados. A mica em lamínulas superficiais é freqüente. Queima predominantemente incompleta, mal controlada. Raros casos de oxidação total.

CÓR — Variando em função da queima, do negro brilhante ao vermelho claro.

TEXTURA — Variada; cacos porosos e peças bem coesas.

DUREZA — 2,5/3,5 da escala de Mohs.

ESPESSURA — Variando de 8 a 12mm.

TRATAMENTO DA SUPERFÍCIE

EXTERNA — Peças alisadas com instrumentos que deixaram estrias leves; outras com muito tempêro superficial e algumas com alisado regular, dando certo brilho.

INTERNA — Casos inúmeros de peças com estriado, polido-estriado e até escovado internamente. Maioria simplesmente alisada.

FORMA — O Parati Simples é encontrado em tijelas com paredes redondas, inclinadas para o exterior (1A); com borda extrovertida (1C); em tijelas de paredes retas, bordas extrovertidas com refôrço externo (1F), forma exclusiva dêste tipo; em tijelas de paredes diretas extrovertidas (3G); em vasos de paredes inclinadas para fora e borda direta (2A) e borda reforçada externamente (2D); em vasos de paredes inclinadas para dentro, borda levemente extrovertida com grosso refôrço externo, bôjo globular (forma 4F — diagnóstica da fase) e vaso carenado de pescoço suavemente inclinado para o interior e borda extrovertida (5C); em pratos ou tampas planas com bordas levemente inclinadas (7A) e, finalmente, em tijelas (também diagnósticas) de forma 8A, cujas bordas se assemelham à forma 4F, sômente dela se afastando por se tratar de uma “bacia”.

Este tipo Simples, o Parati, é predominante e característico da fase.

FUNDOS — Planos (de 10 a 25cm de diâmetro) e redondos.

CORUMBÊ SIMPLES 117 sacos

PASTA — Difere do tipo Parati por ter tempêro com grãos inferiores a 1mm e a espessura das peças ser igualmente, em geral, menor (de 3 a 10mm). No demais, é idêntico.

FORMA — E encontrado nas tijelas de forma 1A, 1F e 3A (tijela de paredes retas, inclinadas para fora), em vasos 4F e 4C (corpo globular e borda muito introvertida) e tampas de forma 7A.

PARATI INCISO 135 cacos

PASTA — Não anotamos a percentagem da ocorrência da decoração incisa sôbre cada um dos tipos Simples (Série).

TRATAMENTO DA SUPERFÍCIE

EXTERNA — O inciso se apresenta em padrões variados e de pouca repetição (vide estampa). São comuns as linhas horizontais, simples ou paralelas, a associação dessas com pontos isolados e múltiplos e as linhas curvas ou sinuosas. Casos raros de incisões inclinadas, paralelas ou grupos paralelos convergentes. Sempre abaixo das bordas ou nos pescoços das peças.

INTERNA — semelhante aos tipos Simples.

FORMA — Esta decoração cobre peças dos tipos 1C e 8A (tijelas), em vasos da forma 2D, 4B (paredes inclinadas para dentro

com borda pouco extrovertida) e 4D (semelhante, com reforço externo).

PARATI POLIDO ESTRIADO

PASTA — Também não anotamos diferenças em percentagem desta decoração sôbre cada um dos tipos Simples.

TRATAMENTO DA SUPERFÍCIE

EXTERNA — Decoração praticada com muita irregularidade. O polimento é muito rudimentar e quase inexistente em alguns casos. Contrasta, no entanto, com a cerâmica simples.

INTERNA — Tratamento comum aos tipos Simples, exceto em um único caso com vidrado de enxôfre.

FORMA — Em tijelas tipo 2D e 8A. Em vasos 4C e 4F e em vasos de paredes inclinadas para o interior e borda expandida (4E).

PARATI ESCOVADO 53 cacos

PASTA — A mesma observação feita para o tipo anterior.

TRATAMENTO DA SUPERFÍCIE

EXTERNA — Decoração praticada com alguma nitidez em certas peças e menos notada em outras. O escovado é do tipo comum, praticado em direções diversas, com sulcos não muito profundos.

INTERNA — Sem diferenças dos tipos Simples.

FORMA — Aplicado em tijelas 3G e 8A; em vasos 4A (paredes inclinadas para o interior e borda direta) e pratos ou tampas do tipo 7A.

PARATI VERMELHO 28 cacos

PASTA — Observação semelhante àquelas feitas anteriormente.

TRATAMENTO DA SUPERFÍCIE

EXTERNA — O banho vermelho foi dado com certa uniformidade. É delgado e pode sair com facilidade em muitos casos. Tons variados, predominantemente claros.

INTERNA — Tratamento igual ao dos tipos Simples.

FORMA — Exclusivamente notado em vasos tipo 4D e 4F.

OCORRENCIAS MENORES

PONTEADO 2 cacos

Consideramos o Ponteado como decoração à parte, no caso específico da Fase Parati, quando o mesmo não ocorria associado ao inciso (em linhas). A pasta foi marcada com pontas pequenas, circulares. Vasilhame do tipo 1A e 4F.

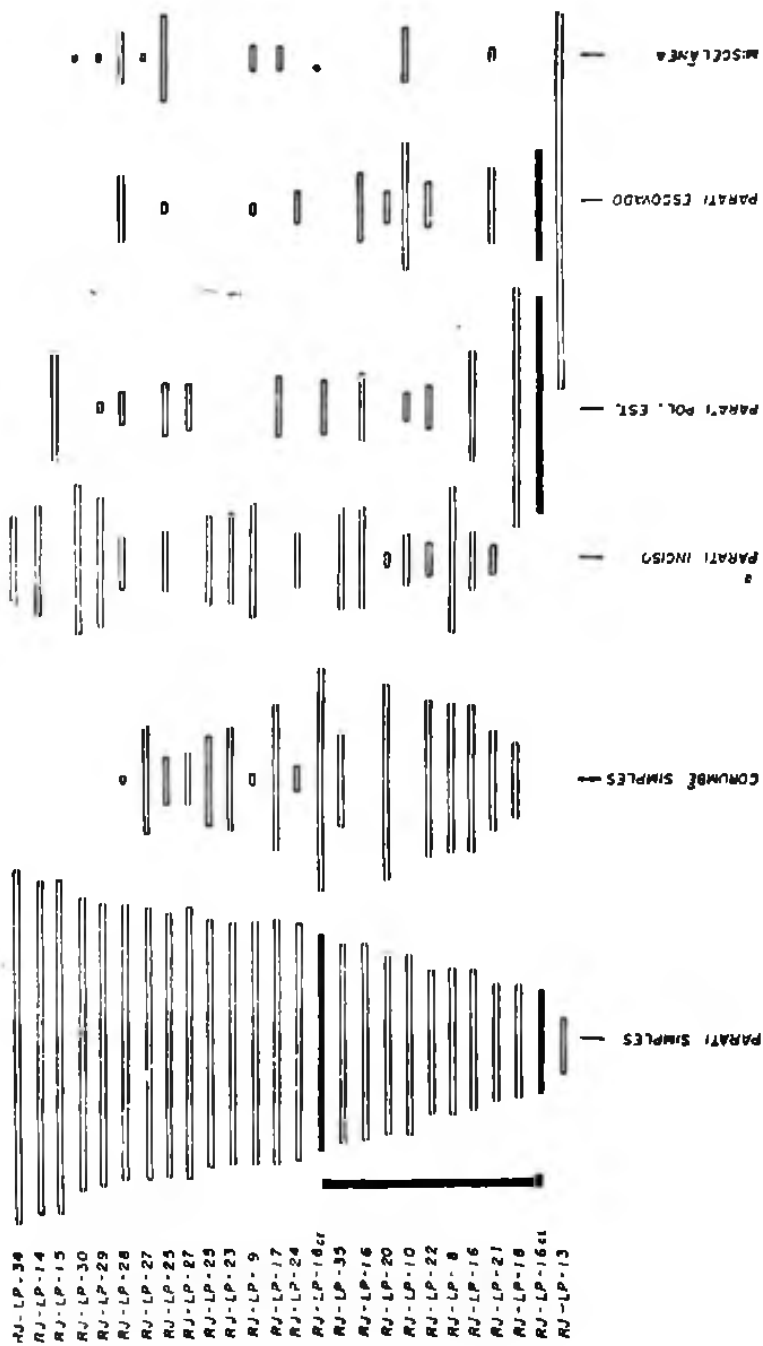
APLICADO 2 cacos

QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO ECOLÓGICA DOS SÍTIOS

SÍTIOS	CIDADE	ABRIGOS	PENINSULAS	ILHAS	PRAIAS	CACOS
RJ-LP-34			x			23
RJ-LP-14				x		4
RJ-LP-15				x		4
RJ-LP-30					x	9
RJ-LP-29					x	51
RJ-LP-28					x	40
RJ-LP-27		x				8
RJ-LP-25	x					334
RJ-LP-7				x		26
RJ-LP-25	x					24
RJ-LP-23					x	9
RJ-LP-9				x		27
RJ-LP-17		x				18
RJ-LP-24				x		49
RJ-LP-16		x				2
RJ-LP-35				x		9
RJ-LP-16		x				56
RJ-LP-20		x				58
RJ-LP-10				x		17
RJ-LP-22				x		49
RJ-LP-8			x			3
RJ-LP-25	x					41
RJ-LP-21		x		x		44
RJ-LP-18		x				38
RJ-LP-16		x				4
RJ-LP-13				x		7
S O M A						954

FASE PARATI - TENDÊNCIA DOS TIPOS CERÂMICOS

GRÁFICO I



Pequenos roletes aplicados nas bordas das peças, em vasos 2A e 4A. Separamos esta ocorrência das asas aplicadas, como associação de outros tipos de decoração, cuja descrição breve daremos abaixo.

Anotamos, ainda, o Digitado, em peças 1A (tijela); o Ungulado, em um vaso 4A, e o Pinçado, na periferia de uma tampa 7A.

ASAS E ALÇAS

Registramos um número regular de asas, feitas com a aplicação de roletes de seção circular, prêsas ao bôjo do vasilhame pela pressão aplicada, preferencialmente, na extensão do seu corpo. Esta particularidade pode ser considerada como traço diferencial em relação à outra fase neobrasileira, a Calundu (Dias: 1964), onde são as alças prêsas, sobretudo, pela pressão digital nas extremidades. Na fase Parati, esta pressão pode ser digital ou espatulada. A ocorrência dessas asas horizontais e curvas restringe-se ao vasilhame de corpo globular.

Anotamos alguns casos de alças, cuja maioria é constituída de peças de seção retangular. Um traço característico é o início das alças a partir da borda do vasilhame. Nos poucos exemplares inteiros encontrados, a alça relaciona-se a peças de forma 5C (corpo com leve carena, pescoço pouco inclinado para o interior e borda suavemente extrovertida com refôrço externo). A alça inicia-se neste refôrço da borda e termina no ombro da peça.

LOUÇA — Relativamente pobre a ocorrência de louça. Anotamos um total de 32 peças. Há enorme predomínio da majólica (louça de pasta porosa, de baixa temperatura, tornada impermeável pelo verniz aplicado nas superfícies).

O vidrado de enxofre foi aplicado em quinze peças. Este vidrado é relativamente fácil de ser obtido, a baixa temperatura, mas o mal contrôle da queima ocasiona modificações na coloração resultante. Em resultado, encontramos com tons que tendem para o amarelo (cinco casos), verde (oito) e marrom (dois). Um vidrado em amarelo foi anotado, revestindo internamente uma peça decorada externamente com o escovado.

O vidrado vermelho ocorreu em quatro peças e o azul em uma única (cobrindo todo o caco). O vidrado branco foi anotado isolado em cinco peças; com desenhos em azul e violeta (em espiral) e com figuras humanas estilizadas (em azul). Caso interessante foi registrado: um fragmento com motivos fitomorfos em marrom e azul (vide desenho) que, possivelmente, influenciou na decoração incisa, onde registramos, igualmente, esboços de fôlhas e caules, num caso.

A louça pode ser de outro tipo, além da majólica, mais refinada, sem que possamos, no entanto, registrar a porcelana, mesmo

importada, como é comum nas associações de sítios da Fase Calundu. Acreditamos de este não seja um dado definitivo, pois nos velhos casarões de Parati são ainda comuns as antigas porcelanas de uso. A continuação da pesquisa poderá esclarecer este ponto.

Telhas de goiva fragmentadas são relativamente abundantes. Um fragmento de uma delas foi perfurado e, possivelmente, utilizado como pêso (encontrado em uma ilha local).

Um único cachimbo foi encontrado. Embora não seja de touça, registramo-lo aqui por ser de cerâmica muito fina. Angular, de reduzidas dimensões, como decoração em relevo e forninho fragmentado (vide ilustração).

LÍTICO — Recolhemos um número relativamente pequeno de artefatos líticos. Este ocorreu, sobretudo, nos sítios localizados em ilhas. Deve-se registrar, outrossim, que não apresenta diferenças flagrantes em relação ao material que ocorre nos sítios pré-cerâmicos. Somos levados, em certos casos, a considerar mais mistura de material do que artefatos da própria fase. O fato, porém, de ser comum nas demais fases da mesma tradição, este acompanhamento aconselha-nos a descrevê-lo aqui, fazendo a ressalva acima. A pesquisa nos sítios líticos da região poderá esclarecer este ponto, uma vez que a escavação num deles está programada para breve.

Predominam os batedores (oito), de dimensões variadas, médias sobretudo, onde o diabásio é a rocha mais comum. Aliás, é o diabásio a rocha predominante, com dezoito peças, contra onze de quartzo, três de granito e uma de gneis. Os batedores são de seixo.

Batedores quebra-coquinhos (dois); com marcas de terem servido como alisadores (dois), são considerados como ocorrência separada do total acima. Os quebra-coquinhos, circulares, se fazem representar por cinco peças. Dois alisadores-moedores de diabásio completam o material alisado e de seixo até agora encontrado, mais um machado fragmentado.

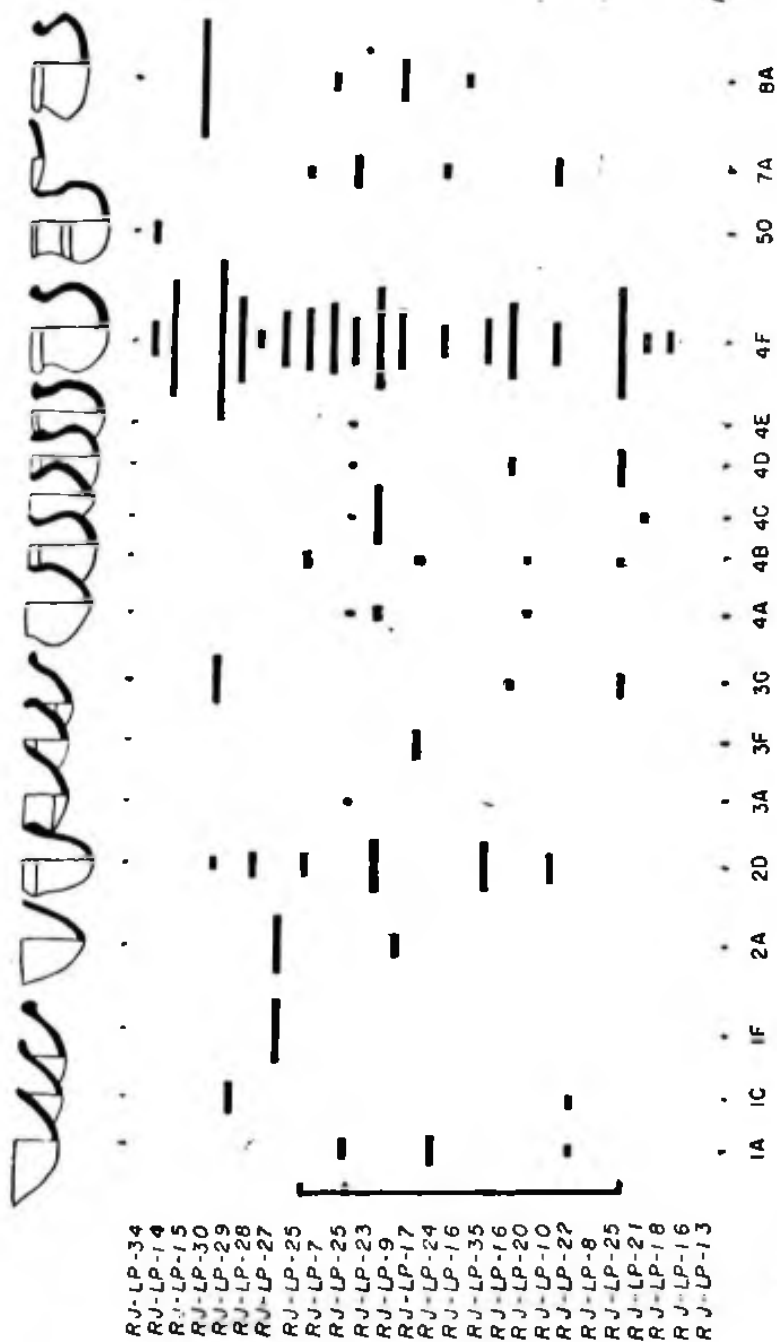
O material lascado reduz-se a treze peças, das quais quatro são lascas de quartzo sem sinais evidentes de uso, três possuem lascamentos secundários (um possível abridor de ostra) e quatro fragmentos comuns.

Anotamos, ainda, um núcleo de diabásio, mas é interessante notar que as lascas deste material são muito raras, reduzidas a um único exemplar com evidências de uso.

A peça mais interessante, até o momento, é um raspador de quartzo hialino, de feitio quase circular com dois cortes feitos por lascamentos secundários em partes opostas de trechos da periferia. Um corte bifacial e o outro unifacial. Uma pequena ponta na extremidade mais larga pode indicar uso como abridor de bivalves. Classificamo-lo como raspador pela seção notada, mas é provável que tenha sido utilizado também como faca (vide desenho).

FASE PARATI - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE FORMAS

GRÁFICO 2



0 10 20cm



Plancha I — Cerâmica Decorada

A — Fragmento de tampa, forma 7A, com decoração bellscada na periferia;
 B — Escovado; C — Polido Estriado (rudimentar); D e E — asas semicirculares, com decorações Digitada e Espatulada; F — alça de secção retangular (simples).



Plancha II — Diversos Tipos de Inciso

A — Tijela de forma 8A (traço diagnóstico) com inciso em linha reta e ondulada; B, C, D, E — Inciso cruzado, isolado, reto com linhas curvas curtas e paralelo; F, G e H — Inciso com ponteados.



Plancha III — Louça colonial

A e D — louça vidrada de branco com desenhos coloridos (roxo em espiral e linhas marrons e azuis no motivo circular); B — majólica com vidrado branco (com craquelê); C — vidrado marrom (enxôfre); E — vidrado delgado de enxôfre sobre superfície alçada com estrias (tipo "garrafa de Genebra").

OSSEO — Muito poucas peças, entre as quais destacamos as pontas endurecidas, feitas de espinhas de peixes, com ou sem furo; raríssimos casos de pontas de duas extremidades (mais largas do que as espinhas e feitas com frações de ossos longos) e vértebras preparadas, com ou sem furo intencional no centro.

Este material foi recolhido em sua maioria nos sítios de Angra dos Reis. É muito mais abundante naqueles onde não encontramos cerâmica associada. Aliás, convém observar que o material ósseo da Fase Guaratiba (Dias: 1967 e 1968) muito se assemelha a este e que a ressalva feita para o lítico deve ser repetida aqui. É possível que ambos sejam pertencentes aos grupos pré-históricos da região e que se misturaram com a cerâmica neobrasileira. Há, porém, a possibilidade de que tenham continuado com funções nesta nova ocupação. Infelizmente, nos cortes abertos, não pudemos anotar a coexistência de ambos. Fica, no entanto, o registro.

ANALISE DOS GRAFICOS

Interpretamos o material segundo a técnica proposta por Ford (1962) e recentemente ampliada por Meggers e Evans (1970), da seriação e seqüência dos tipos simples e decorados. Elaboramos, assim, um quadro (número I) relativo ao tratamento de superfície; um outro (número II), com as variações de popularidade das diversas formas do vasilhame e, finalmente, um último (número III), onde lançamos a localização dos sítios de acordo com a posição indicada pela interdigitação do Gráfico I. Em todos eles foi possível observar alguns dados, cuja interpretação daremos em seguida.

GRAFICO I — TRATAMENTO DA SUPERFICIE E TIPO DE PASTA

O gráfico resultou da interdigitação de vinte e seis níveis referentes a vinte e dois sítios cerâmicos. A seqüência nos mostra que o tipo Parati Simples (grosso) tem uma curva regular e que tende a aumentar de 14 a 80% de popularidade, sendo ainda o único tipo a se representar em todo o gráfico.

O Corumbê Simples (fino) já não apresenta curva de popularidade muito homogênea, mas é suficientemente clara para mostrar que estamos frente a uma fase que completou seu desenvolvimento. Este tipo surge no terceiro nível do gráfico, tende a aumentar até o décimo segundo e a diminuir, desaparecendo, no vigésimo primeiro. Daí para o alto da seqüência não se faz mais presente.

O Parati Inciso foi anotado em quase todos os níveis. Tem uma leve tendência a aumentar de popularidade, mas sua ocorrência é regular. É a única decoração que acompanha o Parati Simples até o alto da seqüência. Surge, porém, com o Corumbê Simples.

O Parati Polido Estriado tem frequência regular. Sua tendência geral é a diminuir de popularidade.

O Parati Escovado surge na base do gráfico, com grande popularidade (80%) e tende a diminuir. Com grande irregularidade alcança até o vigésimo primeiro nível, quando desaparece juntamente com o Corumbê Simples. Somos levados a concluir que esta popularidade inicial seja mais um fator comprobatório da influência das tradições indígenas na cerâmica neobrasileira, desde que aceitamos seja a subtradição Escovada a mais recente da Tradição Tupi-Guarani.

As demais técnicas decorativas ocorrem na porção mediana e superior do gráfico, mas pouco representam no total.

GRAFICO II — ESTUDO DAS FORMAS

Este gráfico não serviu para demonstrar claras curvas de popularidade quanto às diversas formas consideradas isoladamente. A única que aparece com constância é a forma 4F (diagnóstica da Fase). Foi muito popular este vaso de paredes inclinadas para o interior, borda levemente extrovertida com volumoso reforço externo. Não se pôde observar, com clareza, a tendência, parecendo, todavia, que sua ocorrência se concentra mais na parte superior do gráfico.

As demais formas somente se consideradas em grupos podem demonstrar algo. Assim, observamos, as tijelas (de paredes retas ou curvas) e os vasos de paredes inclinadas para o exterior se distribuem mais no centro do gráfico, enquanto que os vasos de paredes inclinadas para o interior são encontrados em todo o gráfico. As formas planas (tampas ou pratos) e a bacia (8A) surgem recentemente. A forma 5C (vaso carenado) restringe-se ao nível mais recente do gráfico. É a forma que recebeu, com certa constância, as alças de seção retangular. Parece-nos recente e é exclusiva do tipo Parati Simples.

GRAFICO III

Para a confecção deste gráfico, consideramos os sítios agrupados segundo sua localização topográfica, em ilhas, praias, abrigos, cidade e península. Utilizamos, em seguida, a distribuição que nos foi fornecida pela seqüência cerâmica e pudemos tirar interessantes conclusões.

Observamos que, a grosso modo, os sítios da base de gráfico estão localizados preferencialmente em ilhas, duas em Parati e duas em Angra dos Reis. Segue-se-lhes os abrigos, sendo que a ocupação do abrigo dos Caboclos (onde abrimos corte estratigráfico) se dis-

FASE PARATI - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS SÍTIOS

GRÁFICO 3



tribui daí até a porção mediana do gráfico. Um foco de sítio urbano (Parati) e uma península também aí figuram.

Na porção mediana do gráfico, a proporção mantém-se praticamente a mesma, surgindo, então, uma ocupação praiana, em Parati.

A parte superior apresenta significativa modificação. Um único abrigo diminui a ocupação insular e aumenta para três a ocorrência de sítios praianos.

Conclui-se que houve uma tendência geral para a substituição das ocupações em abrigos e ilhas, para a ocupação nas praias. O sítio urbano (com três focos) tem distribuição nas três partes do gráfico, o mesmo se dando com a península.

CONCLUSÃO

Ao estabelecermos esta nova fase neobrasileira, estamos certos das suas diferenças em relação às demais fases da mesma tradição. Estas diferenças são acentuadas no que diz respeito ao aparecimento de novas formas e na distribuição percentual da decoração praticada. Parece-nos, sobretudo, que nesta Fase Parati a influência indígena se fez notar em técnicas decorativas muito mais uniformes e simples do que naquelas já reconhecidas anteriormente, como a Calundu, no Estado do Rio e Guanabara; Monjolo, no Rio Grande do Sul (Miller, 1967), e Lavrinhas, no Paraná (Chmyz: 1969), onde ocorre muito maior variedade de decorações e, relativamente, menor variação de formas.

No âmbito estadual, observa-se que a Fase Calundu tem seus sítios igualmente com certa variação topográfica, mas preferencialmente relacionados à restinga. Além disso, é acompanhada por uma quantidade muito maior de artefatos de origem européia, de ferro e porcelana.

Quanto ao horizonte cronológico coberto por ambas, parece-nos terem sido contemporâneas, sendo que para a Fase Parati podemos indicar o início do século XVII como marco inicial, por ter sido a época historicamente reconhecida para o povoamento da região, embora hajam indícios de ocupação anterior no litoral Sul fluminense (Pizarro, 1945).

AGRADECIMENTOS

Queremos tornar públicos os nossos agradecimentos a todos aqueles que facilitaram os nossos trabalhos, moradores, proprietários e informantes das regiões pesquisadas. Nosso reconhecimento aos demais componentes do Instituto, que nos acompanharam em diversas oportunidades, como o Prof. Braz Pepe, Dr. James Gurken e Sra. Izonette Dias. Às autoridades e particulares que nos auxiliaram, ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com o financiamento indispensável e a confiança que nos honra, através do seu diretor, Dr. Renato Soeiro, seu Assessor de Arqueologia, Dr. Alfredo Rusins, e Dr. Edgar Jacintho. Finalmente, nossa gratidão ao guia Reinaldo, de Parati, e ao Sr. João Luiz Rocha, nosso correspondente em Angra dos Reis, descobridor de todos os sítios daquela área, ao Prof. Trajano Quinhões, diretor da Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Guanabara, e ao Prof. Luiz Carlos Palmeira, e ao chefe do Serviço de Museus da mesma Divisão.

ONDEMAR DIAS

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Enciclopédia Brasileira dos Municípios*. Rio de Janeiro, I.B.G.E., 1959. v. 22.
- CHMYZ, Igor. Pesquisas Arqueológicas no Alto e Médio Rio Iguaçu. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) III — Resultados preliminares do terceiro ano — 1967-1968*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969. (Publ. Av. 13).
- DIAS JUNIOR, Ondemar. Resumo das Atividades de Campo do I.A.B. na Fazenda Calundu. *B. Inst. Arqueol. Brasil*. Rio de Janeiro, 2 (4):3-13, 1964.

- Notas Prévias sobre Pesquisas Arqueológicas nos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) I*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967. p. 89-101. (Pub. Av. 6).
- O GB-3, Um Sítio Carioca. *B. Serv. Mus. Guanabara*, 1 (1):21-33. 1968.
- FORD, James. *A Quantitative Method for Deriving Cultural Chronology, Technical Manual nº 1*. Washington, Pan American Union, 1962.
- MEGGERS, B. & EVANS, C. *Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica; Manual para Arqueólogos*. Washington, Smithsonian Institution, 1970. 111 p.
- MILLER, E. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) I*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967. p. 15-38. (Pub. Av. 6).
- PIZARRO, Mons. *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, s.d. v. 3.